

# Agentes da PJ querem processar jornalistas ingleses

Associação sindical da PJ diz que as críticas da imprensa britânica “são mesquinhas” e que também incluem a polícia inglesa, pois foi criado desde o início um “grupo de trabalho conjunto”

Luciano Alvarez

● A ASFC (Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária) pretende avançar com processos judiciais contra os jornalistas ingleses que acusaram alguns agentes portugueses de terem forjado provas em casos anteriores. Em declarações ao PÚBLICO, na sua qualidade de secretário-geral da ASFC, Carlos Garcia confirmou que foram entregues aos serviços jurídicos da Polícia Judiciária os trabalhos jornalísticos que levantavam aquele tipo de suspeitas sobre os investigadores.

“Quando se critica a PJ, também se critica a polícia inglesa, já que desde o início da investigação que foi criado um grupo de trabalho conjunto, que tem agido em estreita colaboração”, diz. O também agente da PJ acrescenta que as “críticas da imprensa inglesa são mesquinhas, porque não correspondem à realidade”. Segundo o mesmo, a polícia inglesa tem linhas de investigação diferentes das da congénere portuguesa. “Em primeiro lugar”, explica, “porque há mais desaparecimentos em Inglaterra do que em Portugal que culminam em homicídios. Por isso, essa linha é tida em conta desde o início em Inglaterra.”

A realidade em Portugal é bastante diferente. “Temos poucos desaparecimentos de crianças que culminam em homicídio, pelo que a nossa linha de investigação é diferente”. Carlos Garcia afirma que a polícia inglesa, nesses casos como em outros, faz relatórios diários à comunicação social, o que não pode acontecer em Portugal devido ao segredo de justiça.

Segundo apurou o PÚBLICO, a decisão de trazer cães ingleses para ajudar nas investigações no Algarve foi tomada em conjunto, mas sugerida pela polícia britânica, quando se avançou para a hipótese de homicídio e depois de investigada a hipótese de rapto. Ontem, as televisões portuguesas garantiam que os cães ingleses tinham detectado o mesmo odor dos vestígios de sangue dectectado no apartamento do Ocean Club, de onde Madeleine desapareceu faz amanhã 100 dias, em outros locais da região.



Rui Pereira considerou “exemplar” a conduta das forças de segurança portuguesas neste caso

“As críticas à Polícia Judiciária e à investigação ao desaparecimento de Madeleine McCann interessam a alguém e nós sabemos a quem”, afirmou um elemento da PJ ligado ao processo, recusando-se, porém, a revelar quem poderia ser o interessado. Embora os elementos da PJ, que aceitaram falar ao abrigo do anonimato, se tivessem escusado a comentar as críticas, para não revelar elementos da investigação, é unânime entre os contactados pelo PÚBLICO que “não vão ter qualquer efeito na investigação”. “Ninguém nos vai afastar de fazer o que entendemos dever ser feito.”

“Sabemos desde o início muito bem o que estamos a fazer. Agora é verdade que essas críticas, como diz o treinador [Paulo Bento, do Sporting], não dão tranquilidade. Num

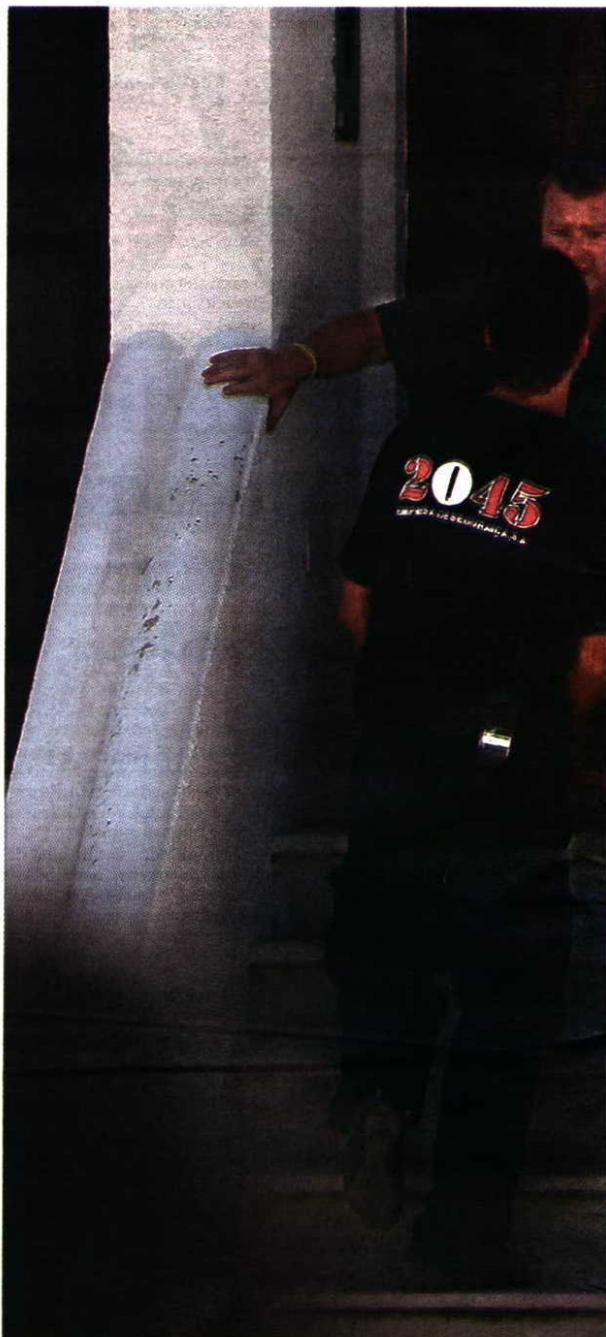
dia é uma coisa, depois é mais isto e aquilo”, afirmou um dos agentes.

## “Recados”

“Claro que há indignação na instituição, até porque o que a imprensa inglesa está a fazer já não é jornalismo: estão a dar recados. E o objectivo só pode ser prejudicar. Até parece que há pessoas interessadas em que as coisas corram mal”, disse outra das fontes ouvidas pelo PÚBLICO.

As críticas por parte dos *media* ingleses começaram logo no início do caso (ver textos da página 4) e não se limitaram à investigação, chegando alguns jornais a criticar a duração dos almoços dos agentes e o facto de estes ingerirem bebidas alcoólicas às refeições. Com o passar do tempo e com a saída do Algarve de muitos dos jornalistas britânicos que acompanhavam o caso os reparos ao trabalho da PJ deixaram de existir. Agora, com surgimento de novos dados na investigação e com o aproximar dos 100 dias do desaparecimento, voltaram em força os jornalistas ingleses e as críticas.

“Já sabíamos que isto ia acontecer e já estávamos à espera de novas críticas e cada vez mais fortes. Assim, quando os órgãos de comunicação social portugueses começaram a dizer que o cerco se estava a apertar, as críticas voltaram mais fortes do que nunca. Por isso, digo que estas críticas são feitas, porque interessam a alguém”, afirmou um dos elementos da PJ. Ontem, o ministro da Administração Interna, Rui Pereira, considerou “exemplar” o trabalho das polícias portuguesas envolvidas na investigação.



O Ocean Club está a ser vigiado por uma empresa de segurança privada

## Cronologia do caso Maddie

### Maio

**Dia 3** - Entre as 21h30 e as 22h00 Kate e Gerry McCann dão pela falta de Madeleine, no apartamento do Ocean Club, na Praia da Luz. Tinham estado a jantar a 50 metros dali. Às 23h40 participam o desaparecimento. A GNR inicia as buscas.

**Dia 4** - Com a ajuda de quatro cães prosseguem as buscas. A família fala em “rapto premeditado”. O impacto do caso nos *media* britânicos é enorme. Membros da família McCann dizem que a acção das forças de segurança está a ser “ineficaz” e que portos e fronteiras

não foram notificados a tempo. O jornal *The Sun* oferece 15 mil euros a quem tiver informações.

**Dia 5** - Há operações-stop nas estradas do Algarve. A PJ garante ter elementos que permitem sustentar a tese de rapto.

**Dia 7** - O raio das buscas é alargado. O desaparecimento de Madeleine pode ter tido como objectivo servir os interesses de uma possível rede de adopção internacional, admite a polícia citada pela imprensa. Em cima da mesa também está a pista de um homem visto em Sagres a fotografar crianças.

**Dia 8** - O *Correio da Manhã* noticia



que a possibilidade de o rapto se tratar de uma “encomenda” feita por uma rede internacional de pedofilia está a ser investigada.

**Dia 10** - O casal McCann passa longas horas na PJ a prestar declarações.

**Dia 11** - As investigações dirigem-se para o condutor de uma carrinha

branca que levantara suspeitas na semana anterior. Gerry e Kate aparecem periodicamente em público. Diariamente vão à igreja na Luz.

**Dia 14** - Robert Murat (na foto), um britânico residente nas imediações do Ocean Club, é inquirido e constituído arguido.

**Dia 16** - Um técnico de computadores é interrogado pela polícia como testemunha.

**Dia 30** - O Papa Bento XVI e o casal McCann encontram-se na Praça de S. Pedro, no Vaticano.

### Junho

**Dia 1** - Os pais de Maddie vão a

Espanha, dão uma conferência de imprensa e pedem ajuda à polícia espanhola. Nas semanas que se seguem irão a Berlim, Amesterdão e Marrocos.

**Dia 13** - O jornal holandês *De Telegraaf* divulga uma carta anónima, indicando o local onde supostamente se encontra o cadáver da menina, a 20 km da Praia da Luz. A PJ segue mais esta pista, entre as centenas que lhe vão chegando de vários países. São feitas buscas no local e nada é encontrado.

**Dia 29** - Já há 2,5 milhões de euros prometidos por diversas pessoas e figuras públicas para recompensar

## Os comerciantes da vila lamentam a "publicidade negativa"

# A Praia da Luz deseja esquecer o assunto

● A família McCann está insatisfeita com a imprensa portuguesa e os comerciantes da Praia da Luz acham que a mediatização do desaparecimento de Madeleine - faz amanhã 100 dias - também não lhes trouxe nada de bom. O casal alugou uma nova casa, uma vivenda situada nas proximidades da Luz, e prescindiu, há dois dias, dos serviços de apoio que o Ocean Club tinha colocado à sua disposição, nomeadamente os de *baby-sister* para os dois filhos gémeos. O Governo Civil de Faro, através do Turismo de Portugal, tinha-se oferecido a pagar as despesas da estadia até que a menina fosse encontrada, mas tal não foi necessário. O ex-governador civil (actual presidente da Região de Turismo do Algarve), António Pina, disse ao PÚBLICO: "Quando pedimos a conta, informaram-nos que estava pagava, através de uma associação internacional de ajuda a crianças desaparecidas."

A moradia habitada pelos McCann, numa zona menos exposta, esteve ontem rodeada de repórteres. O casal foi entrevistado por três estações de televisão inglesas (BBC, Sky News e ITN) e recusou falar aos órgãos de informação portugueses, prometendo fazer declarações hoje. A entrevista decorreu numa vivenda na zona da Meia na Praia, próximo de Lagos, e as três viaturas que integravam o *staff* de apoio do casal, pelo caminho, ainda ensaiaram algumas manobras de diversão para afastar os jornalistas portugueses que tentavam falar com os McCann sobre os motivos por que tinham sido preteridos. Num hotel de Lagos, o casal participou também numa sessão de fotografias reservada apenas a fotógrafos ingleses.

O evoluir deste caso começa a gerar algum desconforto entre a população local. "Isto está uma grande confusão", diz Manuel Casimiro, vendedor de artigos de Praia na Luz, há 30 anos. "Nunca tínhamos tido aqui uma coisa destas." Os jornalistas, prossegue, "até helicópteros alugaram, mas toda a publicidade que fizeram nada trouxe de bom". Neste estabelecimento, recorda o comerciante, foram colocados quatro cartazes. Agora, nem sombra de Maddie. "Veio o vento levou-os, e nunca mais trouxeram outros", desculpa-se. Há dois ou três meses, recorda o ambiente de tensão: "Os pais levavam os filhos para

a praia, agarrados pela mão, sempre a olhar para um e outro lado." Agora, já se vê as crianças a brincar à vontade na praia. "Só que há menos turistas", sublinha.

"Há menos turistas ingleses e as vendas caíram", diz Luís Alberto, de uma loja de óptica, aberta quase em frente ao aldeamento Palm Bay (pertencente ao grupo do Ocean Club). "Vendia muitos óculos de sol a ingleses; isto agora está muito fraco", lamenta-se. O caso Madeleine, acrescenta, "não ajudou nada à promoção desta praia, pelo contrário - toda a publicidade que fizeram foi negativa". Do contacto que diz ter com famílias inglesas, pensa que os britânicos viraram costas à Luz pela "falsa ideia de insegurança que se criou com este caso". Sobre os últimos desta história diz que o "povo estava solidário com os pais, mas agora começa-se a sentir que há qualquer coisa que não bate certo". Tinha uma fotografia da criança no estabelecimento, mas também já lá não está. "Caiu com a humidade", desculpa-se. No seu entender, a população quer esquecer o assunto: "O caso passou-se entre ingleses, num aldeamento inglês, e não

venham agora dizer que a culpa é da polícia portuguesa que não descobre o mistério."

O aldeamento Ocean Club, onde os McCann passavam férias, também já retirou a fotografia da menina da porta da recepção. As ordens, agora, são para colocar os jornalistas à distância. No pátio exterior à recepção, a dar para o passeio público, ontem, um segurança, vestido de preto, mal viu aproximar-se o repórter do PÚBLICO agitou a matraca que tinha na mão e barrou a entrada.

Na rua da Praia, uma cidadã inglesa, num pequeno escritório de serviços ligados turismos, ainda mantém um cartaz de Madeleine. Quando se lhe pergunta porquê, recorda as notícias que dão conta dos vestígios de cadáver no apartamento dos McCann, e, logo de seguida, observa: "Se calhar é melhor retirar." Descola a fotografia e guarda-a numa gaveta. Joana, empregada temporária numa loja de material de praia, mantém a foto de Maddie: "Os clientes, quando perguntam algum coisa sobre o assunto, é só para ir tirar fotografias ao apartamento de onde menina desapareceu."

VASCO CELLO/REUTERS



O caso Maddie terá "criado uma falsa ideia de insegurança"

quem tiver informações. Um italiano e uma portuguesa são detidos em Espanha por alegada tentativa de fraude para receber a recompensa.

### Julho

**Dia 10** - Robert Murat, o inglês que depois do desaparecimento de Maddie chegou a ser tradutor entre a família McCann e as autoridades portuguesas, continua a ser o único arguido no caso. É interrogado durante oito horas.

**Dia 22** - Gerry McCann viaja até aos Estados Unidos para se encontrar com peritos em desaparecimentos de crianças. Os *media* questionam-

no sobre a razão que o levou a deixar os filhos sozinhos em casa naquele dia 3 de Maio.

### Agosto

**Dia 4** - A PJ volta à casa de Robert Murat. As buscas prosseguem no dia seguinte.

**Dia 5** - O *Correio da Manhã* noticia que a PJ acredita que Madeleine poderá ter sido morta no apartamento do Algarve.

**Dia 6** - O *Jornal de Notícias* afirma que um cão pistero inglês encontrou sangue de uma pessoa morta numa parede do apartamento do Ocean Club.

**Dia 7** - Apesar das convicções

da polícia, os pais de Madeleine rejeitam a ideia da morte da filha. As investigações estão alargadas ao ciclo familiar e de amigos dos McCann e o casal pede protecção à polícia para evitar a "devassa" da sua privacidade pelos repórteres.



Cães voltam a ser usados em vários locais da região.

**Dia 8** - A Procuradoria de Tongeren, na Bélgica, diz que o ADN recolhido numa esplanada local, onde uma testemunha afirmara ter visto Madeleine, não é da criança inglesa. Esperam-se os resultados das análises à amostra de sangue retirada do apartamento na Praia da Luz e enviada para Birmingham. A imprensa britânica acusa os *media* portugueses de estarem a fazer campanha contra os pais de Maddie e insinua que Kate pode vir a ser injustamente incriminada pela morte da filha.

*9 The Independent acusa alguns jornais portugueses de serem "anti-McCann" e de questionarem, desde o início, a teoria de que Madeleine tenha sido raptada.*



## Madeleine Criança inglesa desapareceu faz amanhã cem dias

### Críticas da imprensa britânica à PJ

#### Levitação na reacção

A imprensa inglesa acusa os investigadores de não terem fechado a zona do apartamento imediatamente, por acreditarem nessa altura que a criança havia saído pelo seu pé e voltaria ao local. É criticado o facto de a PJ só após 12 horas ter dado indicações para o controlo da fronteira com Espanha ser apertado. A PJ respondeu que o apartamento esteve sempre sob vigia e que, por lei, não era possível o fecho da fronteira; só em casos de terrorismo e de hooliganismo.

#### Alerta público adiado

A polícia britânica tem por hábito revelar rapidamente o rosto das pessoas desaparecidas, ou descrições físicas, valendo-se de sofisticadas estratégias de comunicação, com recurso aos media. Aparentemente, e por pressão das autoridades inglesas e dos McCann, só quatro dias após Maddie desaparecer a PJ se decidiu por esta estratégia.

#### Apelo a raptor

A imprensa inglesa criticou o facto de não terem sido os investigadores portugueses a lançarem, com base num perfil do raptor, um apelo para que este entregasse a criança. Foram os pais de Madeleine que pediram ao eventual raptor para informar sobre o paradeiro da criança e a solicitarem pistas.

#### Buscas na zona

Na opinião de jornalistas e comentadores britânicos, as buscas nas residências do Ocean Club e da Aldeia da Luz deviam ter sido também mais rápidas e feitas com mais meios. Logo no dia seguinte, pela manhã, escreveu o *Daily Mirror*, uma enorme investida da polícia devia ter tido lugar.

#### Suspeitas sobre Murat

O *The Independent* sugeriu que as buscas feitas na casa de Murat tinham como objectivo a condenação pública deste lusobritânico. Os media ingleses têm sublinhado a inexistência de provas contra Murat.

#### Incompetência e desleixo

A foto publicada anteontem no *The Independent* de Gonçalo Amaral, um dos polícias que estão a dirigir as investigações, de camisa aberta, revela bem que os media ingleses têm procurado passar uma imagem de desleixo dos homens da PJ. Antes, já o *The Times* havia descrito "almoços de duas horas", em que os investigadores bebiam vinho e usque. Esta imagem foi ainda mais dramatizada com a descoberta recente de vestígios de sangue por cães ingleses, três meses após o desaparecimento de Maddie, e depois de os caninos da GNR nada terem farejado no mesmo local. **Ricardo Dias Felner**

## Jornal inglês critica media e polícia portuguesa

Bárbara Wong

"A falta de provas leva os jornalistas a suspeitar de que a menina foi assassinada. Mas não há qualquer prova que suporte essa teoria", escreve o *The Independent*

Na sua edição de ontem, o jornal britânico *The Independent* reflecte sobre as notícias que têm preenchido os jornais portugueses, sobre o caso do desaparecimento de Maddie McCann, e tece críticas aos media e à polícia portuguesa. Num texto em que procura colocar os factos e analisá-los, o jornalista Ian Herbert começa por lembrar que o caso de Maddie reacendeu na imprensa portuguesa com notícias publicadas no início desta semana e cita o *Diário de Notícias* (DN), que escrevia que tinha sido encontrado sangue no apartamento de onde a menina inglesa desaparecera a 3 de Maio.

Qual a importância desta informação?, pergunta o jornal. "Entre o crucial e o irrelevante", responde o mesmo. Os vestígios de sangue podem não ter nada a ver com os McCann. Afinal, o apartamento foi utilizado por "centenas de turistas, ao longo dos anos", justifica. Por seu lado, a Polícia Judiciária (PJ) não confirmou nem desmentiu esta informação, acrescenta.

Outro aspecto que o DN focava era a possibilidade de a criança ter sido morta dentro do apartamento. Para o *The Independent*, o jornal português tem-se revelado "anti-McCann", já que escreveu, poucos dias depois do desaparecimento da criança, que os pais poderiam ser culpados. "Desde o início que os media portugueses têm questionado a teoria de que Madeleine



O casal foi entrevistado pelas televisões inglesas

ne tenha sido raptada", pode ler-se.

Contudo, esclarece, apesar dos títulos "emotivos" sobre a possibilidade de Maddie ter sido morta no apartamento, a verdade é que a PJ nunca disse que os pais eram suspeitos ou que voltariam a ser interrogados. No entanto, os McCann sentiram-se

obrigados a negar, numa entrevista a uma cadeia de televisão britânica, o seu envolvimento fosse no que fosse. "A falta de provas leva os jornalistas a suspeitar de que a menina foi assassinada. Mas não há qualquer prova que suporte essa teoria", sublinha o jornal britânico. O diário *24 Horas*

avancou, na terça-feira, que os amigos do McCann, que se encontravam a jantar com o casal na noite em que a menina desapareceu, estavam sob vigilância no Reino Unido. Por sua vez, o DN avançava que a polícia estava preocupada com as "inconsistências" entre os depoimentos dos pais de Maddie e dos amigos. Em Inglaterra, uma das visadas, Rachel Oldfield, de 36 anos, declara à imprensa inglesa que o que tem lido nos últimos dias é "completamente mentira" e que deve haver "fugas de informação por parte da polícia". O *The Independent* assume que as afirmações de Oldfield são verdadeiras, pois reforça que as informações veiculadas pelos jornais portugueses são "inteiramente baseadas em fugas de informação que não são confirmadas ostensivamente pela polícia portuguesa".

O *The Independent* recorda que a PJ de Portimão, "cujos métodos de trabalho são pouco amigos dos media", tem sido acusada pela imprensa britânica de dirigir mal a investigação. Por isso, pergunta porque é que surgiram estas notícias nos jornais portugueses, quando também os britânicos têm acompanhado o caso? Sobre tudo, numa altura em que se passam cem dias sobre o desaparecimento de Maddie. Estará a PJ a fazer a sua agenda mediática? A "interpretação mais clínica" é que a polícia quis mostrar trabalho feito, até porque estariam jornalistas ingleses a regressar à Praia da Luz para cobrir a data.

Sobre o único suspeito deste caso, o inglês Robert Murat, o *The Independent* lembra que dez detectives, incluindo dois britânicos, selaram a casa de Murat e passaram-na a pente fino com a ajuda de dois cães-polícia ingleses. A procura "terminou" tão bizarramente como começou, critica o jornal, que refere que Murat pode ser ilibado.

### Dizem três sociólogos e uma psicóloga

## Estilo "romanesco" ajuda a manter vivo o caso Maddie

Madeleine McCann desapareceu a 3 de Maio da Praia da Luz. Dois meses depois, o caso continua a fazer mancha na imprensa portuguesa e inglesa, tendo-se tornado num fenómeno mediático à escala mundial. O que mantém viva esta história e o que lhe deu uma dimensão internacional? Foi esta a pergunta que o PÚBLICO fez a três sociólogos e a uma psicóloga. Entre os vários ingredientes que os especialistas consideram que contribuem para esta realidade está o mistério alimentado pelos meios de comunicação e o "estilo romanesco" que muitos adoptaram.

"O enredo está muito romanesco, com uma componente 'sherlockiana' que parece indicar um desfecho surpreendente. Uma componente de mistério que torna o caso muito apetecível", avalia Eduardo Rodrigues, sociólogo e professor na Universidade do Porto.

Silvia João, psicóloga que investiga a área dos media, concorda. "Os meios de comunicação estão a usar o suspense para prender as pessoas,

pondo toda a gente à espera do desfecho e de apanhar o culpado", acredita a psicóloga. "É uma novela, dá em directo e é da vida real", resume.

Para José Luís Garcia, sociólogo do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, o "legado de mistério, que se vai desdobrando em novos mistérios", ajuda a perpetuar o interesse no caso, mas não é motivo único. A ausência de notícias mais palpitantes também ajuda. "Não havendo outro tipo de tragédia, que nesta altura do ano costumam ser os incêndios, as notícias sobre a Madeleine são empolgadas", afirma Garcia.

O confronto directo entre a imprensa inglesa e a portuguesa é, para Paulo Peixoto, sociólogo do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, uma dos factos que ajudam a compreender esta segunda vaga de notícias. "Cada um tenta encontrar o culpado mais conveniente", diz.

José Luís Garcia defende que o poder dos meios de comunicação britânicos está entre a explicação do fenómeno. "A Inglaterra é um país

com relevo no plano internacional e os seus media têm um impacto enorme. Se fosse uma criança portuguesa a desaparecer em Inglaterra, o caso teria um mediatismo completamente diferente", refere. O facto de o desaparecimento se passar num destino de férias popular entre os ingleses ajudou ao interesse britânico, acredita Paulo Peixoto. E o facto de as primeiras suspeitas recaírem sobre redes de pedofilia aguçou o apetite.

14 milhões de euros foram recolhidos até ontem pelo site [www.bringmadelinehome.com](http://www.bringmadelinehome.com)

Os especialistas acreditam que a intervenção dos pais de Madeleine, a sua rede de contactos e os seus recursos económicos foram determinantes para a internacionalização do caso. "Há um conjunto de iniciativas muito mediatizadas, como a visita ao Papa, que mostra que houve uma

organização muito profissional", diz Eduardo Rodrigues. "A mediatização muitas vezes não é natural, é muito trabalhada e muito bem organizada", completa o sociólogo.

Prova disso é o site [www.bringmadelinehome.com](http://www.bringmadelinehome.com), que, até ontem, tinha recolhido quase 1,4 milhões de euros. O cartaz que alerta os cidadãos para darem informações às polícias sobre este caso pode ser descarregado da net em 29 línguas, podendo a folha ser impressa em árabe, chinês, russo e até em várias línguas indígenas, como o bengali, o gujarati ou o urdu.

Quase todos salientam que o desaparecimento ter acontecido com uma criança e a imagem frágil e angélica de Maddie foram determinantes. "É um caso que mexe com conteúdos emocionais e mostra a tendência a que se tem assistido para as pessoas consumirem mais conteúdos da esfera privada", refere Silvia João. E acrescenta: "Este permite uma identificação das pessoas, que projectam nestas histórias os seus medos e angústias". **Mariana Oliveira**

## Caso Madeleine Praia da Luz quer esquecer o assunto



● A associação sindical que representa os agentes da Polícia Judiciária quer processar os jornalistas ingleses que acusaram

os investigadores de forjarem provas em outros casos. O desaparecimento de Madeleine, que, no sábado, faz cem dias,

começa a criar desconforto na Praia da Luz A vila quer esquecer o assunto, devido à “publicidade negativa”. → Destaque, 2 a 4